

Fotobiografia de Florbela Espanca, organizada por Rui Guedes.
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1985.

Florbela: Por Detrás da Poesia
Renata Soares Junqueira (UNICAMP)

"É esta a história da minha tristeza. História banal, como quase toda a história dos tristes." Assim se inicia a recém-publicada Fotobiografia de Florbela Espanca, onde a montagem das imagens coincide com a delimitação de quatro principais fases da vida que a profusão documental acaba por narrar: o convívio com os Espanca na infância e adolescência, bem como a expansão da experiência amorosa que chega a atingir o tridimensional - Alberto, Antonio e Mário - são as bases desta história tão pouco banal.

Colocando-me na posição de observadora deste manancial irragístico, notei que o contato visual pode mesmo transcender os limites do corpóreo e viabilizar a sondagem do iraterial: é então que o estático dinamiza-se, a claridade revela o obscuro, o real acende o imaginário e, por fim, a mulher faz compreensível a poetisa.

Já na sua primeira parte o álbum revela o serbante grave e o olhar profundo e trágico de Florbela enquanto menina e moça. Destacam-se, aí, fotografias tipicamente campestres e familiares - os piqueniques orientam a temática das imagens -, sendo amudadas as figuras de João Maria e Apeles Espanca, bem como as de Mariana Inglesa e Henriqueta de Almeida, personagens indispensáveis à narração da história. No entanto, cumpre notar que, da mãe legítima, Antonia da Conceição Lobo, observa-se um único retrato. (p.13).

Faz-se possível, ainda nesta fase infanto-juvenil, o acompanhamento da formação intelectual de Florbela, através da observação das reproduções fotográficas de suas certidões de exames escolares, e de trechos de suas cartas que revelam algumas obras e autores que ela não dispensou ao longo de seu período estudantil. Nota-se, então, que a poesia não era alheia aos grandes nomes da literatura portuguesa: Antonio Nobre, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiros, Guerra Junqueiro, Júlio Dantas e Silva Pinto perfazem, entre outros, o rol de suas requisições para leitura.

E as cartas confirmam: "Li hoje um livro que me consolou. A única coisa que consola os tristes é a tristeza; não te parece? A alegria irrita e eu hoje, tendo no regaço a bíblia dum grande e ilustre desgraçado, tive mais uma vez a prova disto

porque o livro consolou-me. Chama-se o desgraçado Silva Pinto; chama-se o livro Neste Vale de Lágrimas." (p.102).

O casamento com Alberto Moutinho é o terra de abertura da segunda parte do álbum, onde aparecem reproduções fotográficas de páginas manuscritas do caderno Trocando Olhares¹, e várias fotografias de Apeles Espanca, personagem importante não só na vida, mas também na obra de Florbela:

"Era marinheiro! Sabe lá a outra gente o que é ser marinheiro!

Para ele, ser marinheiro era a única maneira de ser homem, era viver a vida mais ampla, mais livre, mais sã, mais alta que nenhuma outra neste mundo!" (p.119).

Também nesta segunda parte aparece o manuscrito do poema "De joelhos", enviado a Raul Proença no caderno Primeiros Passos², bem como as impressões, por ele manuscritas, acerca deste poema e do caderno em geral. E outras imagens, em torno da publicação do Livro de Mágoas, em 1919, preceder a imagem que finaliza mais uma fase da vida de Florbela: a da carta em que ela se despede, definitivamente, do marido:

"Obrigada pela tua carta, mas peço-te que seja a última.

Deixa-me esquecer tudo isto. Tu não sabes, tu não podes saber o que eu tenho sofrido. Está tudo acabado. Deus te faça feliz. (...)

Adeus, Alberto. (...)" (p.126).

Uma figura desaparece e outra que vem substituí-la, mas a história continua: agora o protagonista passa a ser Antonio Guimarães, cujo despotismo se faz sentir até no nível imagístico, pois que as imagens de Florbela apagam-se repentinamente.

E como tal eclipse pode não agradar ao observador, levanta-se, solícita e explicativa, a voz de Rui Guedes, organizador do álbum: "Não se conhece nenhuma fotografia de Florbela do período em que viveu com Antonio Guimarães." (p.131).

No entanto, talvez no afã de compensar o desaparecimento repentino da fotobiografada, a documentação apresentada é copiosa: reprodução fotográfica do registro de divórcio de Alberto Moutinho, da certidão do segundo casamento, de diversos rascunhos manuscritos por Florbela, e das capas e dedicatórias de Claustro das Quimeras³ e Livro de Sonor Saudade. Nota-se também algumas fotografias de Apeles, que então era 1º Tenente da Aeronáutica Naval: "Quando me deito na minha cama fofinha e tão quente, tenho uma pena do meu querido marujo que todo sujo anda deitado pelas tábuas e passando sabe Deus que frio. Que loucura a tua em te ofereceres para isso que de certo te não interessará mais que o sossego e a felicidade das pessoas que te amam." (p.144).

Como alferes de Guarda Nacional Republicana, Antonio Guimarães foi transferido para o Castelo da Foz, no Porto, em julho de 1920, onde viveu com Florbela até mudarem-se para Matosinhos e, posteriormente, Lisboa. Mas com o passar do tempo tornou-se inevitável, para Florbela, uma nova separação, e a reprodução fotográfica da esclarecedora carta que ela enviou ao irmão vem encerrar a terceira parte do álbum:

"Meu querido irmão

Certamente te irá surpreender e penalizar a minha carta mas entendo que é melhor dizer-te eu própria tudo que há de novidade, em vez de deixar que aos teus ouvidos cheguem malevolências que te poder dar de mim uma idéia errada e injusta. (...) por orgulho, e mais ainda por dignidade, olhei de frente, sem covardias nem fraquezas, o que aquele homem estava a fazer da minha vida e resolvi liquidar tudo simplesmente, sem um remorso, sem a mais pequena mágoa. Estou a divorciar-me e para me casar novamente se a lei não permitir (...)." (pp.167 e 173).

Como se vê, o fim de uma fase é, simultaneamente, o início de outra, e já se pode vislumbra uma nova personagem entrando em cena: o Dr. Mário Pereira Lage, terceiro marido que a carta transcrita anuncia, acompanhou Florbela em sua última fase poética e humana - vida e poesia caminharam lado a lado, e no mesmo ritmo.

Com a criação expansiva e galvanizadora de Chameca em flor, Florbela empenha-se corajosamente no resgate do feminino soterrado, na rendição corvovente que, por fim, promove a elevação da mulher através da ruptura com a entidade repressora:

"Eu quero arar, arar perdidamente!
Arar só por arar! Aqui...além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Arar!Arar! E não arar ninguém!" (p.185)

Nesta mesma fase as imagens remetem a um outro momento literário decisivo para Florbela - artista e mulher -, ou seja, o momento de Reliquiae, seu último livro de versos, publicado apenas postumamente por Guido Batelli.

É aí que surge, entre outras, a fotografia da janela do cronista Garcia de Rezende, imagem inspiradora de um poema de Florbela:

"Janela antiga sobre a rua plana...
Ilumina-a o luar com seu clarão...
Dantes, a descansar de luta insana,
Fui, talvez, flor no poético balcão..." (p.214)

Aos 6 de junho de 1927, durante um voo de treino no hidravião "Hanriot 33", Apelles Espanca despenhou-se, de cerca de 200 metros de altura, no Tejo, em frente à Torre de Belém: "O homem está contente. Atira as asas mais ao alto, escalando os cumes infinitos, já fora do mundo, na sensação maravilhosa e embriagadora de um ser que se ultrapassa! Sente-se um deus!... As mãos desenclavinham-se, desprendem-se-lhe da terra onde as tem presas um derradeiro fio de ouro...e cai na eternidade..." (p.191).

A morte de Apelles parece ter sido, para Florbela, o golpe fatal da realidade frustre: "Eles vão, e a gente fica e ri e canta e deseja e continua a viver! Mutilados, amputados, às vezes do melhor de nós mesmos, a gente é como estes vermes

repugnantes que, cortados aos pedaços, criam novas células, completam-se e continuam a rastejar e a viver!

E uma miséria, é, mas é assim!" (p.197).

Nota-se que, nesta história, o sonho sempre se choca contra a realidade, e a ânsia de liberdade contra o pequeno espaço permitido.

É por isso que, em Florbela, há um paralelismo entre amor e dor, bem como uma sensação de mutilação e um desejo de aniquilar esta sensação com a morte.

E também é por isso que surge, na Fotobiografia, um auto-retrato paradoxal e patético que, ao revelar a mulher, mostra também a poetisa:

"Sou uma céptica que crê em tudo, uma desiludida cheia de ilusões, uma revoltada que aceita, sorridente, todo o mal da vida, uma indiferente a transbordar de ternura." (p.212).

A partir de então as imagens circundam a idéia de morte, e o suicídio é legitimado como única possibilidade de libertação e renascimento: "Quem foi que um dia ousou lançar a um papel as letras ultrajantes da palavra cobardia, essa suprema afronta, esse insultante escarroz, à face dos que querem morrer?! O que lhes foi preciso de coragem desdenhosa, de altiva serenidade, de profundíssimo desprezo, às almas que partiram por querer!" (p.224).

E na história de Florbela a idéia haveria de buscar a concretização: a morte veio à tona. A imagem que encerra a quarta parte do álbum é a reprodução fotográfica do telegrama que Mário Lage enviou a Guido Battelli, em 8 de dezembro de 1930: "faleceu florbela = lage" (p.225).

Como se vê, a poetisa transpõe os limites do seu campo de ação e incita na mulher aquele mesmo desejo que os poemas "À Morte" e "Deixai entrar a morte" tornaram inconfundível.

Mas, afinal, é a poetisa que atua sobre a mulher ou a mulher que faz a poetisa? Seja qual for a resposta, poetisa e mulher convergem para um mesmo ponto: a morte. A fusão de nascimento e morte - Florbela morreu no dia de seu aniversário -, e de morte e renascimento, acaba por promover a perpetuação de um movimento cíclico que confere à história algo de misterioso e envolvente.

E a prova desta perpetuidade está no fato de que, ao contrário do que até aqui se pode esperar, o álbum não se divide em apenas quatro partes, pois que há, ainda, uma quinta parte onde as imagens são póstumas e apontam para uma verdade incontestável: a de que Florbela está viva!

Dentre as imagens finais destacam-se reproduções fotográficas de documentos referentes à obra deixada, bem como da certidão de óbito e de trechos de vários jornais que anunciavam o falecimento da poetisa.

Nas páginas do Jornal de Notícias e Portugal Feminino, Guido Battelli publicava a sua "Elegia à Morte de Florbela Espanca":

"(...) As suas pequenas e delicadas mãos que ela cantou em versos tão harmoniosos, repousam brancas de cera, sobre o vestido de seda preta, como duas borboletas brancas no mistério da noite. As suas pálpebras, que mão piedosa fechou, es-

condem os doces olhos profundos, esses olhos da cor celeste, com que um Pintor florentino pintou o vento." (p.233).

E o mestre Guido Battelli ainda descreveria, em Juvenília, o cortejo fúnebre de Florbela: "O céu era cinzento, coberto de nuvens que areaçavam a cada instante a chuva; o mar, bravo, arrojava com grande estrondo as suas ondas revoltas contra a praia. Os sinos dobravam sinistros como nas noites lúgubres dos naufrágios... Acabadas as práticas religiosas, quando nos dispúnhamos a sair da Igreja para ir ao Campo-Santo, as nuvens derramaram o seu pranto com tal furor, que nos foi absolutamente impossível formar o cortejo, e a nossa pobre Florbela passou a sua última noite numa capelinha contígua à Igreja." (p.230).

Mas as imagens não param por aqui: evocam também os episódios do tão polêmico busto de Florbela, e da transladação dos seus restos mortais de Matosinhos para Vila Viçosa.

Enfim, o que posso dizer é que a Fotobiografia de Florbela vem confirmar aquilo que a obra literária já impusera, e que ela própria já prenunciara: "O nome Espanca fica e é qualquer coisa de jeito!" (p.205).

NOTAS

- 1 - Trata-se de um caderno não publicado, onde Florbela reuniu todas as poesias e contos escritos entre 10/5/1915 e 30/4/1917, a fim de oferecê-lo a Alberto Moutinho, seu primeiro marido.
- 2 - Primeiros Passos é uma compilação de onze poemas contidos em Trocando Olhares, a qual Florbela enviou a Raul Proença, em julho de 1916, para que ele opinasse sobre seus versos.
- 3 - Trata-se de um caderno organizado com intuito de publicação e oferecido a Antonio Guimarães, seu segundo marido. Este caderno não chegou a ser publicado em seu aspecto original porque Alfredo Pimenta publicou, em março de 1922, um Livro de Chimeras, forçando Florbela a mudar o título de sua obra - plagiária não! - para Livro de Soror Saudade, que, por fim, foi publicado por Francisco Laje, em 01/01/1923, com pequenas modificações feitas pela própria poetisa.
- 4 - A certidão de óbito de Florbela traz um detalhe absolutamente insólito e aparentemente incompreensível: a declaração de edema pulmonar como causa da morte foi feita pelo ilustre desconhecido Manoel Alves de Souza, cuja profissão - pasmem! - era a de carpinteiro. Onde estariam os médicos? E onde estaria o Dr. Mário Lage?